

Boletim

Nº 1.993 - Ano 44 - 2 de outubro de 2017

FRUTO DO CERRADO

Desenvolvida no Instituto de Ciências Agrárias (ICA), bebida láctea suplementada com frutas do cerrado e ferro é um trunfo no combate à subnutrição infantil em Montes Claros. Análises realizadas com crianças após o consumo regular do alimento revelam aumento significativo dos níveis de albumina, um tipo de proteína.

Página 3

Com participação de professores da UFMG, estudo investiga incidência da cardiopatia reumática no mundo

Páginas 4 e 5

Um **PRESENTE** para o **ICB**

Helton J. Reis*

Em fevereiro de 2018, o Instituto de Ciências Biológicas celebrará seu quinquagésimo aniversário. O governo federal ofertou-lhe parte do presente, e a outra está sendo gestada. Antes de externar o que vem por aí, segue um pequeno relato sobre o Instituto.

O ICB é composto de dez departamentos acadêmicos que são responsáveis por disciplinas oferecidas a cursos de graduação das áreas de biológicas/saúde. São 21 cursos com 4.366 estudantes que permanecem no Instituto por até quatro semestres letivos, exceto os de Ciências Biológicas. Esses discentes são apresentados a disciplinas ministradas em 119 laboratórios. Além de se destinarem ao ensino de graduação, esses laboratórios dão suporte a conhecimento novo produzido por 1.350 estudantes em 16 cursos de pós-graduação *stricto sensu*.

Boa parte do que é produzido no ICB é ciência básica – informação que será usada por outros pesquisadores para desvendar fenômenos aplicados. Vacinas e kits para diagnósticos variados são produtos finais também abundantes nos laboratórios do ICB. Em média, de 25 a 30 patentes são depositadas a cada ano pelos pesquisadores do Instituto, que também investe em vasta publicação de artigos científicos em revistas especializadas, que é outra maneira de quantificar produção de conhecimento. Os professores do ICB publicam, em média, por ano, 1.200 artigos, resultantes do trabalho de dissertações e teses dos pós-graduandos – são 350 novos mestres e doutores a cada ano. Pois bem, o que prepara o governo federal para homenagear o ICB em seus 50 anos?

O orçamento da UFMG é essencial para entendermos a seriedade do problema. Dele vem a principal verba para manutenção do ICB. De modo simples, o orçamento pode ser dividido em duas rubricas: uma chamada *custeio*, da qual se origina o dinheiro para manutenção do funcionamento básico da

universidade (da energia elétrica ao papel higiênico), e outra chamada *capital*, sob cujo guarda-chuva a UFMG realiza obras de infraestrutura. A construção da moradia estudantil e dos prédios dos CADs (o terceiro deve ser inaugurado em março) recebe recursos dessa rubrica. Até o início do mês passado, o governo federal havia desembolsado o equivalente a 40% do orçamento para a rubrica *capital*. Ou seja, menos da metade da verba para obras havia, de fato, sido liberada. No que se refere à rubrica *custeio*, 65% foram liberados no mesmo período, o que significa que o pagamento a fornecedores da UFMG pode ser comprometido a qualquer momento. A direção do ICB já informou que esses percentuais devem alcançar 60% para *capital* e 85% para *custeio* até o final de 2017. Dois pontos importantes a respeito desse orçamento: a) nem mesmo esses percentuais estão garantidos, trata-se de uma previsão; b) devemos nos lembrar da Emenda Constitucional 95, ex-PEC 241, que impôs nova metodologia para orçamento sem órgãos públicos. Nesse caso, o orçamento para 2018 deve ter por base o orçamento executado em 2017, acrescido do índice oficial de inflação. Ou seja, se executamos somente 60% do orçamento em 2017, é sobre esse valor que o orçamento de 2018 será calculado, o que quer dizer, na prática, que a UFMG terá, em 2018, um orçamento menor que aquele de 2017. Essa será uma parte do presente de aniversário que receberemos.

A outra parte do presente já nos foi ofertada e diz respeito ao financiamento direto de projetos de pesquisa. Existem duas vertentes para financiamento dessas pesquisas. Na forma direta, agências de fomento, Fapemig, CNPq, entre outras, publicam editais, e os pesquisadores se candidatam. Os aprovados conseguem, assim, financiar suas linhas de pesquisa. A situação desse tipo de financiamento tem-se deteriorado nos últimos tempos. Recentemente, a Fapemig conseguiu quitar os pagamentos referen-

tes ao edital universal do ano de 2015. O edital/2016 ainda não foi pago. Já o CNPq não lançou edital universal em 2017 – pela segunda vez nos últimos três anos. Isso mostra que as pesquisas estão sendo levadas à morte por inanição. Sem financiamento não se produz conhecimento.

Outra maneira de complementar o financiamento direto de pesquisas é por meio da concessão de bolsas aos estudantes, que financiam desde o graduando até o pós-doutorando. Cada uma é destinada a um tipo de formação de recurso humano. Essas bolsas são destinadas aos programas de pós-graduação da UFMG. Como exemplo da situação, o Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas Fis-Far (nível de excelência pela Capes) teve 15 bolsas de doutorado suprimidas, com reversão parcial dessa perda ocorrida em 2015.

São essas, portanto, as condições para celebrar os primeiros 50 anos do ICB. Em que pese o esforço da direção do Instituto, dos docentes e demais servidores na busca de financiamento e de melhor gestão dos recursos, o torniquete imposto pelo governo atingirá um ponto irreversível. Já estamos presenciando a fuga de cérebros do Brasil para outros países onde a educação e a ciência são tratadas como política de Estado e não de governo. A miopia de técnicos que manejam planilhas e de agentes políticos despreparados que enxergam somente números onde deveriam ver investimento custará, não só ao ICB, mas também às gerações futuras de brasileiros, a dependência perigosa de tecnologia e conhecimento produzidos por outros países.

Não são essas as notícias que gostaríamos de trazer à comunidade em um momento que deveria ser de celebração, mas somos compelidos a mostrar o que somos, o que fazemos e, principalmente, como romperemos os próximos 50 anos. Parabéns, ICB!

*Professor do Departamento de Farmacologia do ICB

‘IOGURTE’ que fortifica

Bebida láctea desenvolvida no Instituto de Ciências Agrárias combate subnutrição em Montes Claros

Helvio Caldeira*

“Mãe, o iogurte chegou!”. Parado à porta de sua casa, o menino Géblio anuncia com entusiasmo a chegada dos agentes de saúde e bolsistas do projeto *Desenvolvimento de alimentos para o combate à fome e à subnutrição infantil*. O iogurte ao qual o garoto se refere é, na verdade, uma bebida láctea resultante do trabalho da equipe do professor Igor Viana Brandi, do Instituto de Ciências Agrárias, que, em conjunto com as secretarias de Saúde, de Educação e de Desenvolvimento Social de Montes Claros, Unimontes e Pastoral da Criança, desenvolve soluções de baixo custo para reverter os quadros de anemia e baixo peso de crianças do Norte de Minas. De acordo com o Observatório da Criança e do Adolescente da Fundação Abrinq, há 1.415 meninos e meninas com esses problemas apenas no município de Montes Claros.

Com foco no desenvolvimento físico e cognitivo das crianças da faixa etária entre 2 e 6 anos, o programa reúne nutricionistas, alunos bolsistas, mestrandos, doutorandos e colaboradores do setor de saúde para auxiliar famílias com crianças diagnosticadas com subnutrição, de forma a viabilizar a reabilitação nutricional com a ingestão de um produto saído dos laboratórios da Universidade. “Essa bebida, formulada no ICA, é um alimento balanceado, à base de soro de queijo e leite fermentado, suplementado com ferro e frutas do cerrado”, explica o professor Igor Brandi.

O fornecimento da bebida nas casas das famílias é uma das frentes que constituem o projeto. Após o levantamento inicial de dados, que indica as crianças atendidas e suas pesagens nos postos de saúde, os integrantes do projeto se dirigem às casas de seus familiares e apresentam a bebida. Firmado acordo entre as partes sobre a inclusão do alimento na rotina alimentar da criança, dados mais específicos são coletados pelos bolsistas. É por meio desses dados que o quadro exato de subnutrição é revelado.

Durante os meses seguintes, porções de 200 ml da bebida láctea são fornecidas diariamente aos atendidos, ao mesmo tempo que análises antropométricas e coletas de peso são feitas para verificar as modificações em relação ao quadro inicial da criança. “Nas nossas análises, observamos, por exemplo, que os níveis de albumina das crianças, um tipo de proteína, aumentaram significativamente”, confirma o estudante de Engenharia de Alimentos Handray Fernandes, bolsista do projeto.

Saboroso

Em três sabores – butiá (ou coquinho azedo), mangaba e umbu –, o iogurte produzido em Montes Claros conquistou o paladar da criança. “Minha filha adorava o sabor da bebida, principalmente o de coquinho azedo”, contou Juliana, mãe de Luiza, de seis anos, uma das crianças assistidas pela ação. “Luiza sempre foi muito bem atendida pelos profissionais”, completa.

A bolsista e estudante de Engenharia de Alimentos Carolina Rocha conta que a iniciativa mudou sua visão de mundo. Integrante da equipe até o início deste ano, a jovem ressalta que pretende continuar atuando como voluntária. “Fazer parte de uma ação como essa nos faz aprender diversas coisas que não aprenderíamos na universidade. No ambiente universitário, muitas vezes não nos damos conta de questões como o fato de que há crianças



Garrafas da bebida feita com soro de queijo, leite, ferro e frutas

do nosso lado que não atingiram seu peso ideal, por exemplo. Entrar em contato com vidas tão diferentes da minha me fez valorizar as pequenas coisas e enxergar o mundo com mais sensibilidade.”

Ampliação

O projeto conta com parcerias com a Prefeitura de Montes Claros, por meio da Secretaria de Saúde. A nutricionista Paula Karoline Soares é uma das responsáveis pelo diagnóstico nutricional das crianças e destaca a importância dessa bebida não só para as pessoas, mas para o meio ambiente. “É de extrema importância oferecer um alimento que possibilita a utilização de um subproduto, no caso, o soro do leite, que geralmente é descartado em rios e córregos, para a produção de um alimento de alto valor biológico.” E acrescenta: “Futuramente, gostaria de ofertar minicursos para que as próprias famílias consigam realizar a produção do alimento dentro de casa”.

O professor Igor Brandi ressalta que o sucesso do programa é resultado de suas parcerias e que o próximo passo é desenvolver estudos com um número maior de crianças e ampliar o seu alcance. “Acreditamos que o programa, por meio da ação conjunta de professores, alunos e órgãos municipais e estaduais, pode ser uma ótima alternativa para tirar as crianças do estado de subnutrição e anemia. Buscamos, agora, o apoio de organizações internacionais, já que esse problema está presente em outros países. Recentemente, o projeto foi escolhido para compor o Banco de Tecnologias Sociais da FAO/ONU e Banco do Brasil, o que muito nos orgulha e motiva”, conclui o professor.

*Bolsista de jornalismo da Pró-reitoria de Extensão



Crianças têm altura e peso monitorados pela equipe do projeto

Fotos: Lucas Braga/UFMG

Uma radiografia da **CARDIOPATIA REUMÁTICA**

Incidência mundial da doença caiu em 25 anos, mas persiste em países da África e Ásia, que concentram mais de 70% dos óbitos

Luana Macieira

A incidência da cardiopatia reumática – alteração das válvulas do coração provocada por infecções bacterianas não tratadas adequadamente, principalmente de garganta – caiu em todo o mundo em 25 anos, mas continua elevada em países africanos e asiáticos e regiões pobres de outros continentes. É o que constata estudo desenvolvido por consórcio internacional de pesquisadores publicado recentemente na revista *The New England Journal of Medicine*.

O trabalho, que contou com a participação dos professores Bruno Ramos Nascimento e Antônio Luiz Pinho Ribeiro, da Faculdade de Medicina, conclui que a incidência da doença está relacionada às más condições sanitárias, às aglomerações urbanas e à falta de acesso a cuidados médicos. Nos países mais pobres, o grupo percebeu que o número de indivíduos que convivem com a doença e a mortalidade causada por ela não diminuíram significativamente desde 1990. “Nesses lugares, os índices de morbidade e mortalidade são mais elevados”, afirma Bruno Nascimento, professor da disciplina de Cardiologia Clínica da Faculdade de Medicina.

Segundo o pesquisador, o artigo oferece uma estimativa mundial do número de pessoas afetadas pela doença. Com base em modelos analíticos epidemiológicos, dados de outras pesquisas, registros médicos, informações administrativas de hospitais e de atestados de óbito, o grupo concluiu que houve 347,5 mil mortes por doença cardíaca reumática, em 1990, e 319,4 mil mortes, em 2015, o que significa queda de 8%.

Em 1990, 9,2 de cada grupo de 100 mil pessoas morriam em decorrência da doença. Em 2015, esse número caiu para 4,8 por 100 mil habitantes, redução de 48%. Os países com o maior número estimado de óbitos em 2015 foram Indonésia (1,18 milhão), República Democrática do Congo (805 mil), Índia (119,1 mil), China (72,6 mil) e Paquistão (18,9 mil). As cinco nações concentraram 73% das mortes por cardiopatia reumática no período pesquisado. Em 1990 e 2015, respectivamente, 77% e 82% das mortes relacionadas à doença ocorreram em regiões endêmicas.

As maiores taxas de mortalidade estimadas – mais de 10 a cada 100 mil pessoas – foram registradas na República Centro-Africana, nos Estados Federados da



Bruno Nascimento e Antônio Pinho Ribeiro: estimativa mundial nos últimos 25 anos

Maria do Carmo P. Nunes

Micronésia, em Fiji, na Índia, no Kiribati, no Lesoto, nas Ilhas Marshall, no Paquistão, na Papua Nova Guiné, nas Ilhas Salomão e em Vanuatu. Cerca de 1% das crianças em idade escolar nesses países endêmicos apresentaram evidências de cardiopatia reumática.

Diagnóstico precoce

O estudo mostrou que a descoberta da doença em crianças pode ser um trunfo para a redução das taxas globais de mortalidade por cardiopatia reumática, que é de difícil diagnóstico e pode levar anos para se manifestar. Os primeiros sintomas costumam surgir entre 20 e 30 anos de idade. Bruno Nascimento explica que, na infância, a febre reumática aparece como uma infecção normal, cujos sintomas são dor e inchaço nas articulações. Cerca de duas décadas depois, a doença se manifesta caso tenha ocorrido progressão para lesão das válvulas cardíacas, e o paciente apresenta cansaço, fadiga, sensação de palpitação, inchaço, dificuldade para realizar atividades do cotidiano e limitação física. Para o professor, o tratamento de infecções ainda na infância é um dos primeiros passos para a prevenção da cardiopatia reumática. Nas crianças com a doença, o tratamento precoce interrompe a sua progressão.

“Pacientes adultos precisam de acompanhamento especializado e procedimentos nas

válvulas do coração, mas o mais importante é a prevenção primária, com o tratamento das infecções nas crianças, como as amidalites, para que não evoluam para uma cardiopatia reumática no futuro. A criança que tem a doença precisa ser tratada com injeções mensais de penicilina, que impedem sua progressão e o comprometimento do coração”, diz.

No Brasil, a incidência da cardiopatia reumática é alta (4,7 a cada 100 mil mulheres e 3,9 a cada 100 mil homens). Esses números devem aumentar quando forem incorporados dados de estudos em curso no país, que consideram a prevalência da doença em crianças e adolescentes. Além disso, quase metade das cirurgias cardíacas com tórax aberto realizadas por meio do Sistema Único de Saúde (SUS) está relacionada à doença. “Um estudo como esse, que nos fornece números sobre a incidência da doença, é útil para a formulação de políticas públicas que tratem e previnam a cardiopatia reumática, principalmente quando falamos de crianças”, destaca Nascimento.

Ecocardiogramas simplificados

O artigo *Global, Regional and National Burden of Rheumatic Heart Disease, 1990–2015* é parte do estudo *Global Burden of Disease (GBD)*, iniciativa mundial com sede em Seattle, nos Estados Unidos, que avalia o impacto mundial das doenças, por meio de

CIENTISTAS desde CEDO

Apresentação de trabalhos de estudantes do ensino médio marca início das atividades da Semana do Conhecimento

Ana Rita Araújo

Mesa-redonda sobre a introdução da pesquisa científica no ensino médio vai abrir, na manhã desta quinta-feira, 5, no campus Pampulha, o 6º Seminário de Iniciação Científica Júnior, promovido pela Pró-reitoria de Pesquisa (PRPq). O evento terá início às 9h30, no auditório nobre do Centro de Atividades Didáticas de Ciências Naturais (CAD 1), e prosseguirá à tarde, com apresentação dos trabalhos de cerca de 100 estudantes de escolas de Belo Horizonte que desenvolvem pesquisa de iniciação científica sob orientação de docentes da UFMG, em programa que tem o objetivo de apresentar conceitos de ciência, tecnologia e inovação ainda no ensino médio.

O Seminário integra a programação da 27ª Semana do Conhecimento UFMG, que será realizada de 16 a 20 de outubro, com exposição de cerca de três mil trabalhos vinculados a atividades de ensino, pesquisa e extensão. Também precedem a abertura da Semana a apresentação de trabalhos inscritos no 20º Encontro de Extensão e exposição de pôsteres na 26ª Semana de Iniciação Científica, que ocorrerão de 9 a 11 deste mês, em unidades acadêmicas de Belo Horizonte e no Instituto de Ciências Agrárias, em Montes Claros.

“A mostra de trabalhos faz parte da Semana do Conhecimento, que, em sua 26ª edição, tem a proposta de estimular uma reflexão sobre a diversidade da ciência produzida e compartilhada pela Universidade, em diálogo com setores da sociedade”, comenta o professor Bruno Teixeira, diretor de Fomento à Pesquisa da PRPq. Ele explica que 8% dos trabalhos expostos antes da abertura oficial da Semana serão selecionados na categoria Relevância Acadêmica, para uma segunda exposição, em formato de pôster, no dia 19 de outubro, no CAD 1, para avaliação pelo Comitê Externo do CNPq.

“Na Iniciação Científica, 10% são indicados como Menção Honrosa. Dois grandes prêmios serão entregues aos autores de trabalhos das áreas de Ciências da Vida, Engenharias, Ciências Exatas e da Terra e Humanidades, e um, para a área de Tecnologias”, relata Bruno Teixeira.

Trabalhos inscritos

26ª Semana de Iniciação Científica – **1.965**

6º Seminário de Iniciação Científica Júnior – **119**

20º Encontro de Extensão – **543**

21ª Semana da Graduação – **185**

7ª Jornada de Apresentação do Conhecimento Produzido pelos servidores técnico-administrativos em Educação – **5**

Programa de Apoio à Inclusão e Promoção à Acessibilidade (Pipa) – **11**

cálculos que se valem de dados epidemiológicos gerados em cada país. A UFMG teve papel importante na avaliação das estimativas da cardiopatia reumática na América do Sul, por meio do projeto Provar, desenvolvido com a colaboração do Children’s National Health Center, de Washington, também nos Estados Unidos.

O Provar surgiu em 2014, quando grupo liderado pelo professor Bruno Nascimento implantou uma estratégia eficaz para o diagnóstico da cardiopatia reumática em Belo Horizonte e Montes Claros, por meio de ecocardiogramas simplificados realizados com o uso de aparelhos portáteis em escolas públicas de regiões de baixo poder aquisitivo das duas cidades. Os exames são realizados por enfermeiros e tecnólogos e lidos a distância, via telemedicina, por médicos brasileiros ou norte-americanos. As crianças com exames alterados são encaminhadas para o Hospital das Clínicas da UFMG ou para o Hospital Universitário de Montes Claros, para acompanhamento e realização de ecocardiogramas mais detalhados.

Até o momento, já foram avaliadas mais de 13 mil crianças, e a taxa de portadoras da doença se assemelha à registrada em alguns países africanos – 4,2% das crianças apresentaram alguma alteração sugestiva de cardiopatia reumática, e em 0,5% dos pacientes analisados, a alteração já possibilita o diagnóstico de cardiopatia reumática.

Artigo: *Global, Regional, and National Burden of Rheumatic Heart Disease, 1990–2015*

Autores: Bruno Ramos Nascimento e Antônio Luiz Pinho Ribeiro, da Faculdade de Medicina da UFMG, e David Watkins, Catherine Johnson, Samantha Colquhoun, Ganesan Karthikeyan, Andrea Beaton, Gene Bukhman, Mohammed Forouzanfar, Christopher Longenecker, Bongani Mayosi, George Mensah, Craig Sable, Andrew Steer, Mohsen Naghavi, Ali Mokdad, Christopher Murray, Theo Vos, Jonathan Carapetis e Gregory Roth.

Publicado na revista *The New England Journal of Medicine* e disponível em http://www.nejm.org/doi/full/10.1056/NEJMoa1603693?query=featured_home



Apresentação de pôsteres em edição anterior da Semana do Conhecimento

Lucas Braga/UFMG

ARTE para ser OUVIDA

Exposição no Espaço do Conhecimento conta a história da educação de surdos em Minas Gerais

Isabelle Chagas*

Lápis, canetinhas, tesouras, colas e todo um arsenal criativo são espalhados pelas pequenas e velozes mãos. Entretanto, o motivo de tanta euforia era outro: fora das salas de aula, misturaram-se todos eles, alunos grandes e pequenos, uns tímidos, outros mais desenvoltos. Os olhos curiosos miravam Lucas Ramon Alves, que comandava a atividade especial: uma oficina de cartuns, na Escola Estadual Francisco Sales, localizada no bairro Barro Preto, em Belo Horizonte. Em meio a seres fantásticos e super-heróis, as projeções na parede ainda exibiam as peripécias de Tikinho, que também é o apelido do artista. Naquele dia de setembro, Lucas reencontrou-se com ele mesmo, o menino surdo que descobriu uma nova forma de se comunicar com o mundo.

O resultado da oficina pode ser visto na exposição *Cartoon em Libras: a história da educação dos surdos em Minas Gerais*, em cartaz até 22 de outubro na Cafeteria do Espaço do Conhecimento UFMG. Os desenhos estão expostos ao lado de fotografias que registraram o processo de criação dos alunos e dos cartuns de Lucas Ramon.

A mostra, concebida para comemorar o Dia Nacional dos Surdos (26 de setembro), registra os três momentos da educação e linguagem pelos surdos: a oralidade, em que havia a proibição do uso das mãos para a comunicação, o bimodalismo – marcado pela transição entre a oralidade e o uso dos sinais como forma de expressão – e a libertação e uso da língua de sinais como principal meio de comunicação e integração social de pessoas surdas.

A oficina realizada na Estadual Francisco Sales, uma escola para surdos, comemorou o Setembro Azul, mês em que se celebram a luta e a resistência dos movimentos de surdos em todo o país. A atividade é fruto do projeto *Contando a história dos surdos*, desenvolvido por Lucas em parceria com a professora Marina Evaristo dos Santos. O objetivo é resgatar, por meio de atividades lúdicas e interativas, a história da educação dos surdos.

Todas as cores

Também no dia 26 de setembro, a fachada digital do museu iluminou de azul a Praça da Liberdade em homenagem ao movimento. A cor, que já foi utilizada como meio de repressão e violência às pessoas com deficiência, foi reapropriada como símbolo de luta e resistência. No regime nazista, os surdos eram marcados com uma faixa azul no braço e levados para os campos de concentração. Nove décadas depois, a cor relembra essa história e marca a luta dos surdos de todo o mundo, que conquistaram importantes espaços e continuam lutando por mais representação, oportunidades e respeito.

Espaço privilegiado de divulgação e produção científica, artística e cultural, a fachada digital do Espaço do Conhecimento UFMG mantém diálogo permanente com a cidade, como destaca a professora Ana Flávia Machado, diretora científico-cultural do museu. “A fachada não só é utilizada para exibir vídeos de conteúdo científico e artístico, mas também tem sido iluminada com cores e bandeiras para prestar homenagens e chamar atenção para causas

importantes. Ela já foi iluminada de rosa, para alertar sobre o câncer de mama, de amarelo pela mobilidade de trânsito, com a bandeira do orgulho LGBT e, agora, integra a programação do Setembro Azul com o objetivo de lembrar a população que o movimento dos surdos merece todo o nosso respeito e atenção”, diz Ana Flávia.

A fachada também ganhou tons de verde para celebrar o Dia de Doação de Órgãos, comemorado em 27 de setembro.



Cartum de Lucas Ramon: nova forma de se comunicar com o mundo



Criança em oficina na Escola Estadual Francisco Sales

Isabelle Chagas/Espaço do Conhecimento

*Jornalista do Espaço do Conhecimento UFMG

[Matéria publicada no Portal UFMG, em 26/09/2017]

DESOBEDIÊNCIAS

O grupo de pesquisa O Estado de Exceção no Brasil Contemporâneo vai promover, de 4 a 6 de dezembro, na Faculdade de Direito, seminário internacional sobre *desobediências e democracias radicais*. O objetivo é suscitar debate sobre novas formas de direito, economia e política, que fujam ao que está consolidado no cenário institucional.

Até 15 de novembro, deverão ser enviadas propostas de comunicações para desobediencias2017@gmail.com. Informações sobre programação e inscrições de trabalhos podem ser obtidas em <https://seminariodesobediencias2017.wordpress.com/> e no Facebook (<http://bit.ly/2y8CRFb>).

FUTURO NA INOVAÇÃO

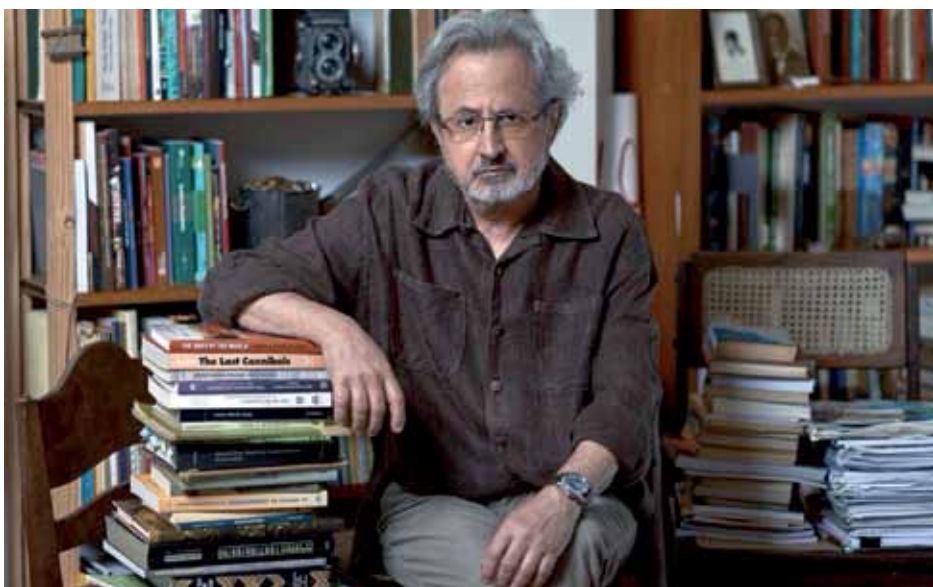
O evento Delfos 2017, programado para 24 de novembro, na Faculdade de Ciências Econômicas, vai promover debates sobre a criação de fórum interdisciplinar sobre inovação que contribua para a formação de mestres e doutores, visando à inserção no mercado e em órgãos governamentais.

Organizado por discentes do Programa de Doutorado em Inovação Tecnológica e Biofarmacêutica da UFMG, o evento é destinado a pesquisadores vinculados a programas de pós-graduação em inovação e áreas correlatas, além de agentes e gestores que atuam nas esferas pública e privada. A programação está disponível no Facebook (<http://bit.ly/2xLjot3>), e as inscrições de ouvintes e trabalhos devem ser feitas em <https://delfosufmg.wixsite.com/delfosufmg2017/>.

PLANEJAMENTO EM EAD

Com o objetivo de auxiliar os professores da UFMG a elaborar conteúdos e atividades on-line, o Centro de Apoio à Educação a Distância (Caed) acaba de lançar o Espaço Disciplinas EaD no Ensino Presencial. Nesse ambiente, os docentes encontram informações para planejar, passo a passo, disciplinas a distância ou semipresenciais e desenvolver recursos multimídia para incrementar suas aulas.

O ambiente está hospedado na plataforma Minha UFMG, e a inscrição poderá ser visualizada no bloco "Turmas Adicionais". A iniciativa do Caed, com apoio das pró-reitorias de Graduação e de Pós-graduação, visa estimular o uso de tecnologias pelos docentes da Universidade. Mais informações estão disponíveis no site do Caed (www.ufmg.br/ead/), pelo telefone (31) 3409-4638 e pelo e-mail ead@ufmg.br.



O antropólogo Eduardo Viveiros de Castro desenvolveu o conceito de "geobricolagem"

MODELO E EXEMPLO

O modelo e o exemplo: dois modos de mudar o mundo é o título da conferência que o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro fará no próximo dia 9 de outubro (14h, no CAD 2). Com base nos personagens conceituais "engenheiro" e "bricoleur", criados por Lévi-Strauss para explicar modos distintos de mundificação, o professor da UFRJ vai abordar a diferença crucial entre modelo e exemplo. No "pensamento-por-modelo", segundo ele, povos subdesenvolvidos, muitas vezes submetidos pela força, copiam ideias que, não raro, são transformadas em simulacros. Os exemplos, que, por sua vez, são emprestados de forma horizontal, inspiram a noção de "geobricolagem", proposta por Viveiros de Castro em referência às múltiplas ontologias práticas por meio das quais os povos extramodernos se articulam com seus ambientes.

Etnógrafo americanista, com experiência de pesquisa na Amazônia, o conferencista tem pós-doutorado na Université de Paris X. É pesquisador do Centre National de Recherche Scientifique (CNRS), da França, com passagens pelas universidades de Cambridge (Reino Unido) e de Chicago (EUA), entre outras. É um dos coordenadores da Rede Abaeté de Antropologia Simétrica (NANSi), baseada no Museu Nacional da UFRJ. A conferência integra a série *UFMG 90 anos – desafios contemporâneos*.

BRINQUEDOS E LIVROS

A Escola de Enfermagem arrecada brinquedos e jogos, novos ou usados, livros infantis e materiais de papelaria para apoiar o trabalho dos integrantes do projeto de extensão *Brincar terapêutico*, que, desde 2009, prestam assistência lúdica aos pacientes internados na ala pediátrica do Hospital Odilon Behrens, em Belo Horizonte. As visitas da equipe contribuem para o desenvolvimento motor, sensorial e cognitivo das crianças e minimizam o estresse e o desconforto gerados pela internação. Os brinquedos facilitam a interação entre elas, suas famílias e profissionais de saúde.

As doações devem ser depositadas em caixa instalada perto do elevador no segundo andar do prédio da Unidade, no campus Saúde (Avenida Alfredo Balena, 190, Santa Efigênia). A campanha será encerrada no dia 13 de outubro, mas o projeto continuará recebendo doações. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone (31) 3409-9883.

ESTUDANTE QUE EMPREENDE

O que fazer durante a vida de estudante universitário? O que importa mais, considerando que essa fase é única? Com base em sua experiência pessoal e profissional, o professor Berthier Ribeiro-Neto, do Departamento de Ciência da Computação, diretor do Centro de Engenharia da Google na América Latina, vai oferecer respostas a essas perguntas em conferência no dia 9, às 19h, no CAD 2. A conferência *Empreendendo a vida de estudante* integra a série que celebra os 90 anos da UFMG.

Berthier Ribeiro-Neto cursou doutorado em Computação na Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Em 1996, ingressou como professor na UFMG e, quatro anos depois, fundou a empresa Akwan Information Technologies, especializada em máquinas de busca na Web brasileira, mais tarde adquirida pela Google Inc. É coautor do livro *Modern information retrieval*, um dos mais adotados na área, mundo afora.

Mestre **ANGUSTIADO**

Pesquisa revela que professores se veem desvalorizados, sem autoridade e perdidos diante da profusão de discursos pedagógicos

Itamar Rigueira Jr.

Eles se sentem fragilizados: a condição social da profissão não é mais a mesma, diluiu-se a autoridade de detentores do saber, e mecanismos hierárquicos rígidos continuam a reger o cotidiano na escola. Esse perfil foi revelado por pesquisa levada a cabo em escola pública de Estêvão de Araújo, distrito de Araponga, na Zona da Mata mineira.

Hermínia Martins Lima Silveira, que é docente do Núcleo de Letras do Centro Pedagógico da UFMG (CP), voltou a sua cidade natal para fazer o trabalho de campo de sua pesquisa de doutorado, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. Participaram do estudo sete dos 17 professores da escola, que tem turmas dos níveis de ensino fundamental e médio.

A questão central eleita pela pesquisadora é o que significa ser professor na contemporaneidade, marcada por novos laços sociais, liquidez dos discursos, excesso de imagens da sociedade-espetáculo. “As falas dos entrevistados eram atravessadas, no primeiro momento, por ideias cristalizadas, como a dos baixos salários e da violência dos alunos”, afirma Hermínia Lima. “À medida que o trabalho evoluía, essas falas prontas eram desconstruídas, porque a realidade nessa escola difere em alguns aspectos da de unidades nas regiões metropolitanas.”

As outras causas da angústia dos mestres se provaram consistentes. De acordo com Hermínia, eles sofrem com a certeza de que não sabem tudo e de que isso lhes rouba parte da autoridade, que estaria atrelada a esse saber. “Além disso, tendo em vista que se trata de uma atividade relacional, em que estão em jogo desejos de professores e alunos, angustia a impossibilidade de controle sobre os resultados do trabalho”, diz a pesquisadora.

Metodologia

Hermínia Lima fundamentou sua pesquisa em autores da psicanálise, como Freud e Lacan, e nomes como Michel Pêcheux (análise do discurso), Zygmunt Bauman (modernidade e pós-modernidade) e Guy Debord (sociedade-espetáculo). Ela aplicou entrevistas semiestruturadas e promoveu encontros coletivos apoiados no método da Conversação, criado pelo psicanalista Jacques-Alain Miller.

“Nesses encontros, os professores são afetados pela palavra do outro. A Conversação possibilita que o diferente apareça nos discursos, fazendo emergir novos significantes. E minhas intervenções visavam à reelaboração das falas”, explica a professora do CP.

Em sua maioria, os participantes da pesquisa enfatizaram que são movidos, sobretudo, pela vocação. Embora reconheçam a necessidade de atualização profissional, segundo Hermínia Lima, os professores reclamaram da grande quantidade de novos métodos pedagógicos, que eles não se sentem em condições de acompanhar. Há certa ambiguidade também nas manifestações sobre as normas no ambiente profissional, que eles ora criticam – como modos de “funcionamento” de algumas instâncias hierárquicas –, ora demonstram valorizar, como forma de obter respeito.

Os docentes destacaram ainda, que, em geral, os alunos vivem relações sociais verticalizadas e que as famílias são marcadas pela presença forte da figura paterna; sobre a escola, manifestaram que ela é capaz de oferecer recursos valiosos, mas mostraram



Foca Lisboa/UFMG

Hermínia: entrevistas e encontros baseados na Conversação

descontentamento com a estrutura dos estabelecimentos públicos de ensino.

Também chamou a atenção da pesquisadora o tom de denúncia dos participantes com relação à organização do sistema educacional. Como ela escreve em sua tese, essa organização “contribui de forma negativa para o desempenho dos alunos”, uma vez que as políticas pedagógicas tentam enquadrá-los “num modelo de processo de ensino-aprendizagem que, em nome do universal, do coletivo, esquece do particular”.

Tese: Ser professor na contemporaneidade: tensão entre o particular e o coletivo

Autora: Hermínia Maria Martins Lima Silveira

Orientadora: Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen

Coorientadora: Maralice de Souza Neves

Defesa em 3 de fevereiro, no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos